

INSTRUMENTOS DA CONTABILIDADE GERENCIAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESEMPENHO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM ESTUDO COM GESTORES DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

MARINA MAGDA DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FUMEC (FUMEC)
marina_magda28@yahoo.com.br

JOSÉ MARCOS CARVALHO DE MESQUITA
UNIVERSIDADE FUMEC (FUMEC)
jose.mesquita@fumec.br

JUVÊNIO BRAGA DE LIMA
UNIVERSIDADE FUMEC (FUMEC)
juvencio.lima@fumec.br

INSTRUMENTOS DA CONTABILIDADE GERENCIAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESEMPENHO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM ESTUDO COM GESTORES DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

1 Introdução

As micro e pequenas empresas (MPEs) estão cada vez mais inseridas no ambiente de negócios no Brasil, desempenhando um papel muito importante na economia. De acordo com dados apresentados pelo SEBRAE (2014), as micro e pequenas empresas respondem, atualmente, por 91% dos empregos, gerando, de 2002 a 2012, 6,7 milhões de empregos com carteira assinada. Também colaboram com 27% do Produto Interno Bruto (PIB).

Mesmo tendo uma grande representatividade, ainda é grande o número dessas empresas que fecham as suas portas logo nos primeiros anos de existência. A adoção de um controle gerencial voltado para as necessidades de cada empresa pode ser uma alternativa para a permanência no mercado. A contabilidade gerencial, além de fornecer aos gestores informações que os auxiliam nas suas funções gerenciais, contribui para assegurar a sobrevivência da organização, em razão de identificar e analisar os seus eventos econômicos e do seu entorno (ATKINSON et al., 2008).

A contabilidade gerencial utiliza instrumentos gerenciais também denominados “artefatos”. Soutes (2006, p. 9) define artefatos como “[...]atividades, ferramentas, filosofias de gestão, instrumentos, métodos de custeio, modelos de gestão e métodos de avaliação ou sistemas no exercício de funções, o que propicia uma maior qualidade na gestão das empresas”.

Com base nesses artefatos, a contabilidade fornece aos gestores das empresas informações úteis em relação ao desempenho da organização no mercado em que atua, possibilita analisar se a gestão está sendo eficaz para o desenvolvimento do negócio e permite a tomada de decisão de maneira assertiva.

Esses instrumentos podem se relacionar ao desempenho das organizações. Ainda que não seja claramente explicitado, o termo “desempenho” é utilizado amplamente em todos os campos da administração. Na área do controle gerencial, são usados termos como “gestão de desempenho”, “medição” e “avaliação” (FEUSER, 2016). Atualmente, a avaliação de desempenho tornou-se um instrumento fundamental na gestão das organizações, tendo em vista o ambiente de competitividade dinâmica no qual as empresas estão inseridas (NASCIMENTO et al., 2011).

Alguns estudos anteriores buscaram evidenciar a relação dos artefatos contábeis com o desempenho organizacional como Morais, Coelho e Holanda (2012), Andrade, Bruni e Freires (2013), Soutes (2006), Oydomari (2008), etc.

Essas pesquisas discutiram diversos aspectos da relação destes constructos como medida contributiva para maximização do valor nas empresas brasileiras; se empresas que utilizam artefatos tanto tradicionais quanto modernos apresentam desempenho diferenciado das que não os utilizam, etc.

No entanto, existe uma lacuna relativa ao uso dos artefatos contábeis gerenciais nas micro e pequenas empresas, o que instiga a realização de pesquisas sobre sua utilização como suporte para o desempenho empresarial. Surge então a seguinte indagação de pesquisa: Qual a relação entre utilização de artefatos contábeis e desempenho em micro e pequenas empresas?

A busca de respostas à indagação de pesquisa definiu os objetivos do estudo, a saber: avaliar o emprego dos artefatos na gestão das micro e pequenas empresas; mensurar o desempenho organizacional na percepção dos gestores e analisar o relacionamento dos artefatos com o desempenho e sua importância na percepção dos gestores.

2 Referencial Teórico

2.1 Contabilidade gerencial e as micro e pequenas empresas

Toda organização, independentemente do seu tamanho e do segmento em que atua, precisa ter conhecimento de informações que auxiliem o gestor a tomar decisões para o perfeito andamento dos negócios. Para Atkinson et al. (2002), a função da informação contábil consiste em fornecer dados sobre a eficiência e qualidade das tarefas executadas, o custeio do produto e do cliente; mensurar os custos dos recursos para se produzir, vender e entregar um produto ou serviço aos clientes; no controle administrativo, fornecer informações sobre o desempenho dos gerentes e unidade operacionais; no controle estratégico, fornecer informações sobre o desempenho financeiro e competitivo de longo prazo, condições de mercado, preferências de clientes e inovações tecnológicas.

Segundo Iudícibus (1994, p. 64), a contabilidade gerencial está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, buscando suprir informações que se enquadrem de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador. Conclui afirmando que “todo procedimento, técnica, informação ou relatório contábil feito sob medida para que a administração os utilize na tomada de decisões entre alternativas conflitantes, ou na avaliação de desempenho, recai na contabilidade gerencial”.

A contabilidade gerencial fornece as informações necessárias para que os gestores analisem a situação das empresas e possam tomar as decisões necessárias para a gestão da organização. Por meio das informações contábeis, é possível traçar planos e objetivos para otimizar a gestão, o desempenho e a competitividade das empresas no mercado em que atuam.

Em relação às micro e pequenas empresas, Valeriano (2012) menciona que a contabilidade nas pequenas empresas gera informações restritas às áreas legal, fiscal e burocrática e os empresários não utilizam as informações da contabilidade para fins administrativos. Para esse autor, os dados contábeis precisam ser ajustados à realidade do negócio, propiciando, assim, o acompanhamento das atividades realizadas e a comparação do desempenho da empresa como um todo e seus departamentos, com o objetivo de produzir informações para a tomada de decisão dos gestores internos da organização, sendo essa uma das principais características da contabilidade gerencial.

Pinheiro (1996) estudou a relação das organizações de médio e pequeno porte com a contabilidade e identificou que a baixa capacidade de gestão das organizações desse porte são as principais razões para o seu fim. Já Cavalcanti (1998), aponta que as pequenas empresas têm dificuldades de perceber um problema que surge e buscar solução para ele, tendo em vista que a administração dessas organizações geralmente é feita pelos proprietários.

Tanto a pesquisa de Pinheiro (1996) quanto a de Cavalcanti (1998) foram feitas há mais de uma década, e, nesse período, percebe-se que houve alterações no contexto brasileiro em relação à percepção dos gestores. Por exemplo, a gestão das MPes, em sua maioria, continua sendo feita de maneira familiar, mas, na opinião dos micro e pequenos empresários, a

contabilidade é uma importante ferramenta para a sobrevivência da empresa, como foi evidenciado na pesquisa realizada por Lima et al. (2013).

Em escala internacional, Ruengdet e Wongsurawat (2010) pesquisaram os fatores que distinguem o sucesso de micro e pequenas empresas daquele das empresas comunitárias na província de Phetchaburi, Tailândia. Os resultados evidenciaram cinco fatores como os mais importantes. Entre estes, citou-se a importância de registros contábeis regulares. Logo os gestores reconheceram que o suporte fornecido pela contabilidade foi relevante para o empreendimento.

De acordo com Laurentino et al. (2008), ao utilizar a informação gerencial, as MPEs passaram a ser organizações bem sucedidas, uma vez que essa informação reduz incertezas, riscos e contribui para atingir os objetivos da empresa. Assim, a informação passou a ter uma função decisiva para a sobrevivência e o desenvolvimento das MPEs. Para Beuren, Barp e Filipin (2013), a informação contábil é um dos fatores determinantes para a continuidade das empresas. Consideram a contabilidade gerencial como instrumento propulsor de informações relevantes para que os gestores possam tomar medidas preventivas, mantendo a organização ativa. Esses autores mencionam também que a contabilidade gerencial tem como função contribuir para a geração de informações para o planejamento e controle das atividades empresariais.

2.2 Artefatos gerenciais contábeis

A contabilidade gerencial utiliza-se de instrumentos gerenciais, também denominados artefatos. Espejo et al. (2009, p.12) esclarecem que “[...] os artefatos contábeis servem como facilitadores do alcance dos objetivos organizacionais, que a priori baseiam-se na otimização dos recursos, numa perspectiva de resultados de longo prazo [...]”.

Soutes (2006, p. 9) considera artefatos como “atividades, ferramentas, instrumentos, filosofias de gestão, filosofias de produção, modelos de gestão e sistemas que possam ser utilizados por profissionais da contabilidade gerencial no exercício de suas funções”. A mesma autora classifica os artefatos utilizados pela contabilidade gerencial em tradicionais e modernos. São considerados artefatos tradicionais: custeio por absorção, custeio variável, custeio padrão, preço de transferência, retorno sobre o investimento, moeda constante, valor presente, orçamento e descentralização. Os modernos são: custeio baseado em atividades, custeio meta, *benchmarking*, *Kaizen*, *just in time*, teoria das restrições, planejamento estratégico, gestão baseada em atividades, GECON, valor econômico agregado, simulação, *Balanced Scorecard* e gestão baseada em valor.

Já Teixeira (2015), considera como artefatos: orçamento, controle de contas a pagar e receber, indicadores financeiros e não financeiros, balanço patrimonial, demonstração do resultado do exercício, demonstração do fluxo de caixa, margem de contribuição, gestão da qualidade, gestão estratégia de custos, *benchmarking*, análise de rentabilidade dos clientes e desempenho dos empregados.

Marion (2010) menciona que as MPEs utilizam algumas ferramentas, como cálculo de margem de contribuição e do preço de venda, relatório de contas a pagar e a receber, fluxo de caixa, controles de estoque por produto e de movimentação bancária.

Santos et al. (2016) mencionam que pesquisas sobre a utilização dos instrumentos gerenciais vêm sendo realizadas periodicamente, envolvendo objetos de estudos específicos e amostras diferenciadas. Frezatti (2005) analisou o nível de aderência que as empresas brasileiras de médio e grande porte têm em relação ao arcabouço teórico dos elementos da contabilidade gerencial. Os resultados mostraram que a economia brasileira é composta de organizações que estão vivendo diferentes estágios da contabilidade gerencial e que essas diferenças são significativas. O desenvolvimento da contabilidade gerencial continua sendo preponderantemente absorvido pelas organizações de maior porte, sendo lenta e menos evidenciada a proliferação para as demais empresas, e nenhuma associação entre setor econômico e agrupamento foi encontrada na análise.

Guerreiro, Cornachione Junior e Soutes (2011) analisaram se empresas brasileiras de grande porte utilizam artefatos modernos de contabilidade gerencial e se a qualidade de suas informações aos usuários externos também se destacaria no atendimento de seus usuários internos. Os resultados demonstraram que as empresas utilizam artefatos modernos de contabilidade gerencial. A intensidade da utilização varia de artefato para artefato e mesmo os artefatos com menor uso, tais como *just in time* e *kaizene target costing*, são empregados por mais de 30% das empresas estudadas.

Umbelino (2011) investigou se determinado tipo de controle gerencial influencia a utilização de certos tipos de artefatos contábeis. A pesquisa envolveu setenta empresas de quatro municípios da região sul serrana do Espírito Santo. Observou-se que o tipo de controle utilizado pelas empresas não influi nos tipos de artefatos por elas utilizados.

A seguir, apresentam-se os instrumentos contábeis gerenciais que são mencionados nesta pesquisa. Esses instrumentos são de fácil aplicabilidade, mas, apesar de relevante capacidade informacional, o nível de complexidade para elaboração exige uma base de dados disponíveis nessas empresas (SANTOS et al., 2009). Eles foram divididos em três grupos, com base nas classificações feitas por Teixeira (2015), Lima (2007) e Santos et al. (2016): Controle e Planejamento, Gestão de Custos e Demonstrações Contábeis.

2.2.1 Artefatos de controle e planejamento

Para Sanvicente e Santos (1995), no contexto empresarial, planejar é estabelecer com antecedência as ações a serem executadas, estimar o valor dos recursos a serem empregados e definir as correspondentes responsabilidades dos colaboradores para um determinado período, para assim alcançar satisfatoriamente os objetivos da empresa.

Segundo Megginson, Mosley e Pietri Junior (1998), o planejamento oferece informações para que os gestores possam se prevenir e se preparar para mudanças que poderiam prejudicar os objetivos da organização. Para Stoner e Freeman (1999), os objetivos organizacionais e a escolha dos meios para alcançá-los influenciam a continuidade das empresas.

Tendo por base essas ideias e levando em conta o contexto das micro e pequenas empresas, este estudo considera como artefatos de planejamento e controle: o controle de contas a pagar, o controle de contas a receber, o orçamento empresarial e os indicadores financeiros. De acordo com Campos (2015), para um eficiente controle operacional de gestão, torna-se necessária a adoção de medidas que visem ao desenvolvimento de ferramentas de controle operacionais que atendam às necessidades de cada organização. Entre estas, tem-se o controle de contas a pagar e o controle de contas a receber.

Para Almeida (2008), o controle de contas a pagar são as obrigações que a empresas têm com terceiros, tais como fornecimento de materiais, prestação de serviços, honorários profissionais de terceiros, aluguéis, etc. Menciona ainda que as empresas devem ficar atentas a essa questão, uma vez que tais obrigações refletem no desempenho e na posição que a empresa ocupa no mercado em relação a seus concorrentes.

Já as contas a receber, segundo Almeida (1996, p. 155), representam “direitos adquiridos por vendas a prazo de bens ou serviços relacionados com o objetivo social da empresa”. Esse autor afirma que os investimentos em valores a receber de uma empresa podem representar uma parte significativa do ativo circulante, influenciando a rentabilidade da empresa. Por isso, a gestão deve ficar atenta ao volume desse investimento.

Em relação ao orçamento empresarial, existe a necessidade de as empresas adotarem novas estruturas empresariais, bem como de implementar novas estratégias de gestão. O sistema orçamentário foi um meio de a empresa se precaver das possíveis ameaças que futuramente possam vir a afetar a entidade (HOBOLD, 2014).

Hall et al. (2012) buscaram identificar e avaliar o uso das ferramentas contábeis na gestão das micro e pequenas empresas do comércio de vestuário na cidade de Dourados- MS. Verificaram que, em relação ao planejamento e orçamento empresarial, 83,3% dos gestores afirmaram realizar um planejamento operacional e financeiro anual, tendo uma pessoa responsável pelo acompanhamento entre o realizado e o planejado. Esse resultado foi superior ao encontrado na pesquisa realizada por Lima e Souza (2013), com micro e pequenas empresas que atuam na Feira da Oito de Maio em Icoaraci – Belém (PA), a qual demonstrou que apenas 17% utilizam o orçamento no gerenciamento de suas empresas.

Em relação à questão dos indicadores financeiros, as empresas podem fazer uso dos indicadores de rentabilidade, liquidez, endividamento e de atividade. Para Matarazzo (2003, p. 150), “os indicadores de rentabilidade mostram a rentabilidade dos capitais investidos, ou seja, demonstram o grau de êxito da empresa em relação ao capital investido e também informam qual a remuneração que esses recursos obtiveram em determinado período”. Os indicadores de liquidez, mostram a capacidade de pagamento da empresa. Para Marion e Soares (2000, p.114), “esta capacidade de pagamento pode ser verificada num longo prazo, num curto prazo ou em prazo imediato”.

Já o índice de endividamento, segundo Iudícibus e Marion (1992), mostra a relação de dependência da empresa com o capital de terceiros. O uso frequente de capital de terceiros pode deixar a empresa muito vulnerável às oscilações do mercado. Assim, é necessário analisar esses índices com o intuito de verificar a participação de cada origem de recursos a fim de estabelecer objetivos e metas quanto ao endividamento da empresa.

Outro índice importante é o indicador de atividade. Segundo Marion (2005, p.120), os indicadores desse grupo visam demonstrar o tempo que “a empresa demora, em média, para receber suas vendas, para pagar suas compras e para renovar seu estoque.

2.2.2 Artefatos de gestão de custos

Conceição e Martins (2013) afirmam que as MPEs que buscam o conhecimento e compreendem como os custos se comportam têm melhores condições de prever toda a

trajetória desses custos em diferentes situações, tendo espaço para melhor planejar a sua atividade e, conseqüentemente, seus lucros. Esses autores mencionam que a relação custo/volume/lucro é um instrumento de planejamento que possibilita estudar a relação de receitas totais, custos e despesas, além de ser essencial para o planejamento da lucratividade, pois possibilita projetar o lucro em níveis diferentes de produção e venda, com também o impacto sobre o lucro com as modificações dos custos e preços de vendas. Nesse aspecto, a margem de contribuição e o ponto de equilíbrio são instrumentos contábeis essenciais.

De acordo com Wernke e Lembeck (2004), a margem de contribuição auxilia os gestores a decidir quais serão os produtos ou serviços que merecerão maior atenção e esforço da equipe, além de possibilitar a identificação de produtos ou serviços que possuem margens negativas, contribuindo, portanto, para a geração de prejuízo financeiro à empresa. Logo, a margem de contribuição fornece ao gestor informações para decidir sobre qual linha de produção deve diminuir ou expandir, assim como decidir sobre estratégias de preços, serviços ou produtos e avaliar o desempenho da empresa (HALL et al.,2008).

Já o ponto de equilíbrio de acordo com Takeshy e Faria (2004), é a quantidade mínima que as micro e pequenas empresas devem produzir e vender para que não tenham prejuízo. O ponto de equilíbrio da empresa é, portanto, o ponto em que o custo operacional total da empresa iguala-se à sua receita de vendas.

Levando-se em consideração a questão dos custos, na pesquisa realizada por Hall et al. (2008), com micro e pequenas empresas do comércio de vestuário na cidade de Dourados-MS, os gestores, em sua maioria (90%), afirmaram que conhecem a margem de contribuição dos seus produtos. A utilização dessa margem é feita com base no preço dos produtos em relação ao preço pago por estes. Dessa maneira, os gestores (86,6%) obtêm o ponto de equilíbrio da empresa, ou seja, sabem quanto a empresa precisa vender para cobrir seus custos.

2.2.3 Demonstrações contábeis como artefatos contábeis

Tendo em vista as pesquisas feitas em relação à temática de artefatos contábeis, percebe-se que poucos autores classificam o Balanço Patrimonial, a Demonstração do Resultado e o Fluxo de Caixa como artefatos. Conforme mencionou Valeriano (2012), a Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC) deve ser considerada como artefato, pois se acredita que este é um instrumento que tem por finalidade demonstrar como acontece a movimentação das disponibilidades financeiras em um determinado período de tempo, ou seja, tem como finalidade prover o usuário de informações sobre a capacidade de a empresa gerar caixa e equivalentes de caixa, de honrar seus compromissos, pagar dividendos, demonstrar liquidez, solvência e desempenho operacional, sendo, portanto, considerado um importante instrumento de análise e planejamento financeiro.

Em relação ao Balanço Patrimonial e à Demonstração do Resultado, Teixeira (2015) considera que estes são fundamentais para qualquer tipo de usuário da informação contábil. Menciona ainda que, quando elaboradas sem alteração da realidade, as demonstrações contábeis oferecem subsídios essenciais para a continuidade dos negócios. Esse autor comenta que as demonstrações contábeis propiciam uma série de informações úteis para o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), tais como aquelas para o processo de avaliação e de tomada de decisões econômicas por parte dos usuários em geral.

Para Martins et al. (2013), a demonstração dos fluxos de caixa proporciona uma séria de informações, quando usada em conjunto com as demais demonstrações financeiras. Como exemplos tem-se: a capacidade de a empresa honrar seus compromissos e pagar dividendos e retornar empréstimos obtidos; a capacidade de a empresa gerar futuros fluxos líquidos positivos de caixa; a liquidez, a solvência e a flexibilidade financeira da empresa.

O fluxo de caixa é a ferramenta contábil de mais fácil compreensão por parte do empreendedor em micro e pequenas empresas, conforme apontou Kassai (1997). Iudícibus e Marion (2002) alegam que há um enorme interesse dos usuários pelo conhecimento dos fluxos de caixa das empresas e atribuem esse interesse à facilidade de entendimento das informações contidas nessa ferramenta.

Na pesquisa realizada por Santos et al. (2009), cujo objetivo foi verificar os instrumentos da contabilidade gerencial utilizados em micro e pequenas empresas comerciais de cidade de Presidente Getúlio (SC), verificou-se que 50% das empresas utilizam o controle de caixa. Esse resultado é condizente com as afirmações feitas por Kassai (1997) e Iudícibus e Marion (2002).

O Balanço Patrimonial pode ser considerado também como um artefato contábil. Para Iudícibus, Martins e Gelbcke (2006), o balanço patrimonial consiste em apresentar a situação financeira e patrimonial da empresa em determinada data, representando uma posição estática da empresa.

Em relação à Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), essa é elaborada juntamente com o Balanço Patrimonial, que é um relatório sucinto das operações realizadas pela empresa durante um determinado período. A DRE mostra um dos valores mais importantes para as pessoas envolvidas, que é o resultado do exercício, ou seja, se a entidade obteve lucro ou prejuízo (IUDÍCIBUS et al., 2010).

Pesquisas relativas ao Balanço Patrimonial e à DRE demonstraram que, em geral, as micro e pequenas empresas não utilizam essas informações. Isso foi observado por Santos et al. (2016), que investigaram os instrumentos e procedimentos gerenciais utilizados em micro e pequenas empresas para tomada de decisão. Entre esses instrumentos, verificou-se que nem metade das empresas pesquisadas utiliza essas informações, talvez por não refletirem a realidade da empresa.

O mesmo foi observado na pesquisa realizada por Lima e Souza (2013), com micro e pequenos empresários da Feira da Oito de Maio em Icoaraci (PA) quanto à utilização das ferramentas contábeis. Os resultados mostraram que apenas 14% das empresas utilizam as informações apresentadas pelo Balanço Patrimonial e pela DRE. Para Kos et al. (2011), isso se deve ao fato de que a maioria dos gestores de micro e pequenas empresas não compreende a informação contábil fornecida pelos contadores por não conhecer os termos utilizados nesses relatórios, como lucro contábil, balanço patrimonial, receita e custos.

2.4 A relação entre o emprego de artefatos contábeis e o desempenho empresarial

Brito, Brito e Morganti (2009) alertam para o fato de que “desempenho empresarial”, isoladamente, não é um constructo simples, apesar de ser frequentemente usado em diversas pesquisas de controladoria e finanças. Richard et al. (2009) também mencionam que não existe uma definição de consenso para o termo.

Por ser um constructo de conceito complexo, o “desempenho” representa um tema gerador de controvérsias, seja pela dificuldade de definição e variedade de significados, seja pela probabilidade de que os indicadores utilizados na sua mensuração venham a se tornar contraditórios em longo prazo (LEBAS; EUSKE, 2002).

O desempenho pode ser mensurado em duas perspectivas: o conceito subjetivo, que está relacionado ao desempenho das organizações segundo a sua própria expectativa (PELHAM; WILSON, 1996). A segunda, pelo método objetivo, que se baseia em medidas absolutas de desempenho (CHAKRAVARTHY, 1996).

Segundo Bertoldi (2003), as medidas mais utilizadas são baseadas em modelos financeiros que permitem comparações e são de fácil entendimento, como o retorno financeiro e o fluxo de caixa, que são conceitos demasiadamente objetivos. No entanto é possível argumentar que nem todas as variáveis presentes no contexto da organização podem ser traduzidas em termos financeiros, principalmente quando envolvem itens intangíveis e interpretações subjetivas.

De acordo com Hoque (2005), em pesquisas realizadas com pequenas empresas adotam-se medidas subjetivas, uma vez que tais empresas não dispõem dos dados necessários, o que torna inviável uma análise objetiva, com indicadores financeiros. O estudo realizado por Haber e Reichel (2005) sobre como identificar medidas de desempenho em pequenas empresas do ramo de turismo corrobora a ideia de Hoque (2005), ao destacar a importância e a necessidade de utilização de indicadores não financeiros para medir a *performance* organizacional.

No presente estudo, optou-se por utilizar medidas subjetivas de desempenho por meio da mensuração da percepção dos gestores. Dessa maneira, será feita a autoavaliação do gestor e/ou empresário a respeito do desempenho por meio da adoção dos artefatos contábeis. Lester et al. (2003) justificaram a análise de desempenho na forma de autoavaliação, pelo fato de os respondentes não terem acesso às informações contábeis ou pelo fato, como cita Henri (2006), de que os respondentes eram gestores e não especificamente da área contábil.

Algumas pesquisas sobre o uso de artefatos de contabilidade gerencial e desempenho vêm ganhando espaço na literatura no Brasil, mas os trabalhos ainda são escassos (RIBEIRO, FREIRE; BARELA, 2012). Morais, Coelho e Holanda (2012) buscaram examinar a associação entre a existência de artefatos de contabilidade gerencial e o desempenho operacional como medida contributiva para maximização do valor da firma nas empresas brasileiras. A pesquisa apontou que existe associação positiva entre os atributos regredidos (implantação de artefatos de contabilidade gerencial sobre o desempenho operacional). Contudo Morais, Coelho e Holanda (2012) afirmam que não é o uso de artefatos implementados que contribui para a melhora do desempenho operacional e sim a modernização contínua dos artefatos de controle pelas empresas.

Já Soutes (2006) investigou se as empresas que utilizam artefatos tanto tradicionais quanto modernos apresentam desempenho e porte diferenciados daquelas que não utilizam. O resultado demonstrou que empresas classificadas como “modernas” apresentam desempenho diferenciado das que foram classificadas como “tradicionais”. Logo, existe relação entre artefatos modernos e desempenho obtido pela empresa.

Andrade, Bruni e Freires (2013) analisaram a relação do uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial por meio da percepção de graduandos em contabilidade na Universidade Federal da Bahia. Constatou-se que, apesar de a percepção de desempenho melhorar a partir do momento em que se introduz a informação da presença de artefatos, a análise estatística não demonstrou que o uso de artefatos contábeis influencia o desempenho organizacional. Para esses autores, o uso de artefatos contábeis, como fator isolado, não pode ser apontado como o único responsável pelo melhor desempenho empresarial, sendo este, portanto, dependente de vários fatores, tais como o ambiente de gestão, a cultura organizacional, o tipo de artefato contábil e o ramo de atividade da organização.

Desse modo, verifica-se a importância da contabilidade, já que, por meio dos seus artefatos contábeis, ela oferece informações para a gestão e o desempenho das organizações. Contudo é necessário analisar quais artefatos estão sendo utilizados e qual sua influência no contexto das micro e pequenas empresas.

A partir do exposto, propõe-se as seguintes hipóteses e o respectivo modelo conceitual proposto.

H1 – A utilização dos artefatos de Planejamento e Controle influencia positiva e significativamente o desempenho em micro e pequenas empresas.

H2 – A utilização dos artefatos de Gestão de Custos influencia positiva e significativamente o desempenho em micro e pequenas empresas.

H3 – A utilização das Demonstrações Contábeis influencia positiva e significativamente o desempenho em micro e pequenas empresas.

3 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa. O universo estudado nesta pesquisa compreende os setores de comércio, serviço e indústria na região de Belo Horizonte, composto de uma amostra de 223 micro e pequenas empresas, considerando respondentes os gestores e proprietários dessas empresas.

Os dados foram coletados por meio de um questionário, dividido em seis partes. A primeira e segunda partes para obter informações sobre o respondente e a empresa; a terceira para identificar os artefatos contábeis e questões associadas a gestão e tomada de decisão, composta de 18 assertivas divididas em três blocos: planejamento e controle, conforme Teixeira (2015); gestão de custos por Santos *et al* (2009) e Anjos *et al* (2011); e demonstrações contábeis por Teixeira (2015), Valeriano (2012) e Santos (2016); a quarta para atribuir o grau de importância destes artefatos na visão dos gestores, com 9 questões; a quinta e sexta para averiguar a percepção dos gestores em relação ao desempenho de sua empresa e no geral, com 12 questões nas duas.

Para o tratamento estatístico dos dados aplicou técnicas de análise descritiva e a técnica de modelagem de equações estruturais.

4 Resultados

A pesquisa evidenciou que entre as 223 empresas da amostra, 51 são do setor comercial (22,87%), 166 de serviços (74,44%) e 6 da indústria (2,69%). No que concerne à idade das empresas, houve um equilíbrio entre as que atuam no mercado de 3 a 5 anos e de 6 a 10 anos.

Ainda que a maior concentração esteja na faixa de 6 a 10 anos, com 89 empresas (39,91%), observa-se um distanciamento mínimo, com 86 empresas (38,57%) constituídas entre 3 a 5 anos. Apenas 25 empresas (11,21%) se encontram na faixa de até 2 anos.

Em relação ao número de funcionários, observa-se uma participação maciça de 10 a 49 funcionários, totalizando 75,78%, o que corresponde a 169 empresas. A seguir, 23,77% das empresas informaram que possuem até nove funcionários. Apenas uma empresa (0,45%) indicou ter entre 50 e 99 funcionários.

Quanto ao gênero, houve maior participação de respondentes do sexo masculino, perfazendo um total de 65,02%, enquanto as mulheres representaram 34,98% da amostra. No que tange ao nível de escolaridade, 50,67% da amostra possuem ensino médio, seguidos por 38,57% com ensino superior. Apenas 0,45% da amostra possui ensino fundamental completo. É possível observar também que apenas 8,07% não possuem curso superior completo, enquanto os níveis fundamental e médio incompleto somam 2,25%.

Em relação à função ocupada nas empresas, observa-se que a maioria dos respondentes (47,98%) são gerentes, seguidos por supervisores (31,84%) e diretores (16,14%). Apenas uma minoria de nove respondentes (4,04%), ocupam outras funções.

Em relação ao percentual de uso dos artefatos contábeis, demonstrou-se que entre os artefatos de Planejamento e Controle, destaca-se o uso do “controle de contas a pagar” e do controle de “contas a receber”, o que corrobora os estudos feitos por Santos et al. (2016), Lima (2007) e Santos et al. (2009), que demonstram que esses são os controles mais utilizados.

Em relação aos artefatos de Gestão de Custos, a formação do preço de venda apresentou maior relevância. Esse resultado se assemelha ao estudo feito por Santos et al. (2009) e por Lima e Sousa (2013) nos quais se verificou que o mais utilizado pelas empresas foi a formação do preço de venda.

No grupo das Demonstrações Contábeis, evidenciou-se que a demonstração do fluxo de caixa é a mais utilizada. Esse resultado também foi apurado nos estudos feitos por Santos et al. (2009) e Lima e Sousa (2013).

Para verificar o grau de importância atribuído aos artefatos contábeis na visão dos gestores das micro e pequenas empresa, foi solicitado aos respondentes atribuir aos artefatos um grau de importância, considerando-os nada importante, pouco importante, indiferente, importante e muito importante.

Com relação à importância da utilização dos artefatos contábeis, quanto aos artefatos de Planejamento e Controle, os itens “contas a pagar” e “contas a receber” apresentaram médias significativamente maiores que as dos demais, enquanto a respeito da importância dos artefatos de Gestão de Custos, o item “preço de venda” apresentou uma média significativamente maior que as dos demais. Já quanto à importância das Demonstrações Contábeis, o item “demonstração fluxo de caixa” apresentou uma média significativamente maior que as dos demais.

Os resultados obtidos nesta pesquisa coadunam com os estudos feitos por Silva et al. (2016) e Hall et al. (2012), nos quais se evidenciou que os controles operacionais (contas a pagar,

contas a receber, fluxo de caixa, preço de venda, orçamento e custos), são os mais importantes na visão dos gestores.

Quanto ao modelo estrutural estimado, a análise da validade convergente, validade discriminante, dimensionalidade e a confiabilidade dos construtos do modelo de mensuração são mostradas na Tabelas 1. Observa-se que:

- Todos os constructos apresentaram os índices de confiabilidade A.C. e C.C. acima de 0,70, evidenciando assim a confiabilidade dos mesmos.
- De acordo com o critério de da Análise Paralela todos os constructos foram unidimensionais.
- Houve validação convergente em todos os constructos, visto que as AVEs foram superiores a 0,40.
- De acordo com o critério proposto por Fornell et al. (1981) não houve validação discriminante para os constructos Artefatos de Gestão de Custos e Desempenho, uma vez que a variância compartilhada máxima foi superior a respectiva AVE. No entanto, de acordo com o método das cargas fatoriais cruzadas (resultados não apresentados) houve validação discriminante para todos os constructos, uma vez que todas as cargas fatoriais foram maiores que as respectivas cargas fatoriais cruzadas.

Tabela 1 - Validação do Modelo de Mensuração

Constructo	Itens	A.C.	C.C.	Dim.	AVE	VCM
AC - Planejamento e Controle	5	0,874	0,909	1	0,665	0,661
AC - Custos	5	0,724	0,824	1	0,497	0,566
AC - Demonstrações Contábeis	5	0,936	0,951	1	0,796	0,689
Desempenho	12	0,931	0,943	1	0,588	0,689

¹ Alfa de Cronbach, ² Confiabilidade Composta, ³ Dimensionalidade, ⁴ Variância Extraída; ⁵ Variância Compartilha Máxima.

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Os resultados do modelo estrutural são apresentados na Tabela 2 e a Figura 1.

Tabela 2 - Modelo Estrutural

Variável dependente	Variável independente	Coefficiente	Valor p
Desempenho	Planejamento e controle	0,318	0,000
	Custos	0,147	0,009
	Demonstrações contábeis	0,460	0,000

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Em resumo, os resultados do estudo apontaram que artefatos de planejamento e controle influenciam o desempenho de micro e pequenas empresas (Valor -p= 0,000 e $\beta=0,318$ [0,18; 0,47]). Verificou-se também que a Gestão de Custos afeta positivamente o desempenho (Valor-p = 0,009) e $\beta=0,147$ [0,00; 0,30] – o que também foi observado em relação às Demonstrações Contábeis ((Valor-p = 0,000) e $\beta=0,460$ [0,28; 0,62]).

Dessa maneira, evidenciou-se que, existe relação dos artefatos contábeis com o desempenho, o que confirma as hipóteses de pesquisa. Cabe, ainda, ressaltar que o poder de explicação do modelo é alto, R^2 de 0,744.

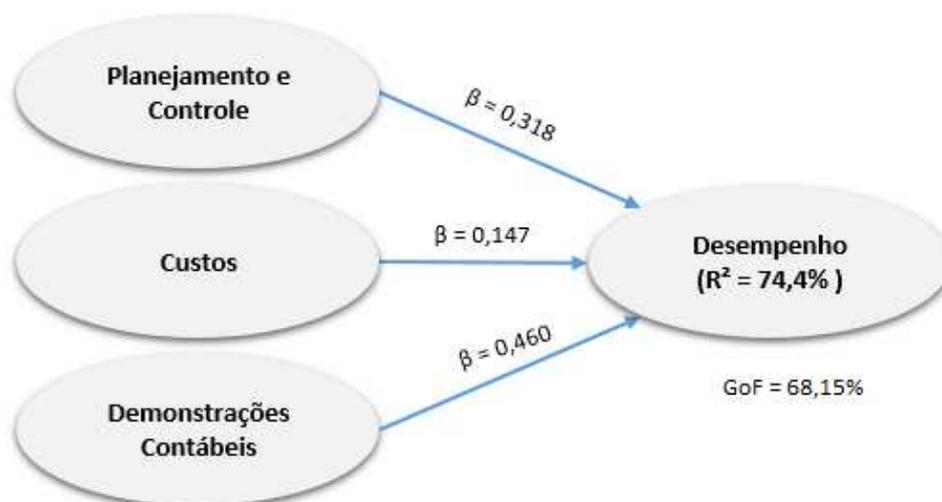


Figura 1 - Modelo Estrutural

Os resultados corroboram com o estudo de Moraes, Coelho e Holanda (2012), o qual apontou que existe associação positiva entre os atributos regredidos (implantação de artefatos de contabilidade gerencial sobre o desempenho operacional); e com os estudos de Soutes (2006), o qual verificou que existe relação entre artefatos modernos com o desempenho obtido pela empresa. O mesmo também foi evidenciado por Reis e Teixeira (2013), que verificaram a existência de relação entre a utilização de artefatos tradicionais e modernos de contabilidade gerencial e o desempenho financeiro em cooperativas agropecuárias. Para Feuser (2016), “o planejamento influencia positivamente o desempenho de micro e pequenas empresas”.

Analisando as considerações expostas acima, confirma-se que os artefatos contábeis contribuem para o desempenho das micro e pequenas empresas.

5 Conclusão

A pesquisa procurou responder ao seguinte questionamento: Qual a relação entre a utilização dos artefatos contábeis com o desempenho em micro e pequenas empresas?

Com base na análise dos resultados da pesquisa, verificou-se que existe relação entre os artefatos contábeis e o desempenho das empresas, de acordo com a percepção dos gestores e proprietários, confirmando as hipóteses de pesquisa.

Demonstrou-se também que os gestores, ao avaliarem o desempenho das empresas em relação ao mercado e aos concorrentes, apresentaram uma tendência a afirmar que foi consideravelmente inferior e similar, respectivamente. A explicação para tal fato está relacionada à percepção dos gestores destas empresas, uma vez que o desempenho foi avaliado pelos aspectos subjetivos. Logo, esse tipo de mensuração pode sofrer interferências emocionais do respondente.

A pesquisa levanta questões importantes, uma vez que evidenciou que os gestores tendem a concordar com a importância dos artefatos contábeis e reconhecem a influência destes no desempenho das empresas, mas discordam em alguns pontos, por exemplo, a questão dos indicadores financeiros e do orçamento. Isso mostra que a maioria dos gestores utiliza, de alguma forma, os artefatos contábeis, mas da forma como eles entendem, já que talvez tenham

pouco conhecimento contábil e clareza quanto aos termos utilizados em relatórios contábeis ou as empresas estejam no ciclo de desenvolvimento no qual não necessitam utilizá-los.

Para futuras pesquisas, sugere-se aumentar a amostra de empresas e que a pesquisa alcance as médias empresas, para confrontar a relação da contabilidade com a gestão e o desempenho. Também se considera importante a realização de entrevistas com gestores de micro e pequenas empresas para averiguar o entendimento desses empresários em relação à contabilidade e seus artefatos contábeis. Além disso, existe a necessidade de mudança na relação das micro e pequenas empresas com a contabilidade e de aprimoramento dos serviços oferecidos pelos escritórios de contabilidade.

Referências

ANDRADE, C. M.; BRUNI, A. L.; FREIRES, F. G. M. Uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial: um estudo com graduandos em contabilidade da Universidade Federal da Bahia. **RBC: Revista Brasileira de Contabilidade**, v. XLII, p. 19-32, 2013.

BERTOLDI, J. **O painel estratégico como ferramenta de avaliação de desempenho**: uma abordagem conceitual em uma empresa do ramo metalúrgico. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BEUREN, I.M; BARP, A.D.; FILIPIN,R. Barreiras e possibilidades de aplicação da contabilidade gerencial em micro e pequenas empresas por meio de serviços contábeis. **Contexto**, Porto Alegre, v.13, n.24, p.79-92, maio/ago.2013.

BRITO, E. P. Z.; BRITO, L. A. L.; MORGANTI, F. Inovação e o desempenho empresarial: lucro ou crescimento? **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 8, n. 1, art. 6º, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-> Acesso em: 18 fev. 2016.

CAMPOS. B. R. **O empreendedor e a contribuição do profissional de contabilidade: uma análise empírica sobre o processo decisório das micro e pequenas empresas**.2015.93.f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Finanças, Rio de Janeiro, 2015.

CONCEIÇÃO, A. de M.; MARTINS, P. M. V. S. A contabilidade gerencial nas micro e pequenas empresas como instrumento de gestão. **Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira** - Ed. Especial, Lagarto/Se, v. 6, n. 3, ano VI, p. 151-164, mar. 2013. Disponível em: <<http://fjav.com.br/revista/Innerpages/edicaoEspecialPosGraduacaoControladoriaFinancasEmPresariais.php>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ESPEJO, M. M. S. B. et al. Uma análise crítico-reflexiva da compreensão da adoção dos artefatos de contabilidade gerencial sob uma lente alternativa – a contribuição de abordagens organizacionais. **RCO – Revista de Contabilidade e Organizações** – FEARP/USP, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 25-43 jan./abr. 2009.

FEUSER, H. O. L. **Desempenho de micro e pequenas empresas**: um estudo à luz das características do empreendedor-gestor e do controle gerencial. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba,2016.

FREZATTI, F. Agrupamentos dos perfis da contabilidade gerencial no Brasil. **Contabilidade, Gestão e Governança**, Local, v. 8, n. 1, p. 9-39, mês 2005.

GOMES, A. K. L. **Desempenho organizacional das micro e pequenas empresas localizadas em João Pessoa: estudo comparativo entre empresas que participam de redes de cooperação e empresas que não participam**.2016.113 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa,2016.

GUERREIRO, R.; CORNACCHIONE JR, E.B.; SOUTES, D.O. Empresas que se destacam pela qualidade das informações a seus usuários externos também se destacam pela utilização de artefatos modernos de contabilidade gerencial. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 22, n. 55, p. 88-113, 2011.

HALL, R.J. et al. Contabilidade como ferramenta da gestão: um estudo em micro e pequenas empresas do ramo de comércio de Dourados- MS. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 6, n. 3, p. 4-17, set./dez. 2012.

HENRI, J. F. Management control systems and strategy: A resource-based perspective. **Accounting, Organizations and Society**, v. 31, p. 529-558, mês 2006.

HOQUE, Z. Linking environmental uncertainty to non-financial performance measures and performance: a research note. **The British Accounting Review**, v. 37, p. 471-481, 2005.

HOBOLD, H. **Contabilidade gerencial e seus principais artefatos no gerenciamento de micro e pequenas empresas: um estudo de caso em empresas de micro e pequeno porte situadas na universidade do extremo sul catarinense**. 2014. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2014.

IUDÍCIBUS, S. de. **Teoria da contabilidade**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IUDICIBUS, S. de; MARTINS, E.; GELBECKE, E. R. **Manual de contabilidade das sociedades por ações**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KAM, V. **Accounting theory**. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 1990.

KASSAI, S. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. **Caderno de estudos da FIPECAFI**, São Paulo, v.9, n.15, p. 49-59, jan./jun. 1997.

KOS, S. R. et al. Compreensão e utilização da informação contábil pelos micro e pequenos empreendedores em seus processos de gestão. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 11, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011. CD-ROM.

LAURENTINO, A. J. et.al. **A importância da contabilidade gerencial para as micro e pequenas empresas no século XXI no Brasil**.2008. 76f. Monografia (Ciências Contábeis) – FAE Centro Universitário, Curitiba, 2008.

LEBAS, M.; EUSKE, K. A Conceptual and Operational Delineation of Performance. In: NEELY, A. **Business Performance Measurement: Theory and Practice**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

LESTER, D. L.; PARNEL, J. A.; CAHARRER, S. Organizational life cycle: a five-stage empirical scale. **The International Journal of Organizational Analysis**, v.11, n. 4, p. 339-345, 2003.

LIMA, A. N. **Um estudo sobre a importância do uso das ferramentas de controle gerencial nas micro e pequenas empresas industriais no município de São Caetano do**

Sul. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

LIMA, L. J. A.; SOUSA, L. S. A importância das ferramentas contábeis gerenciais para a continuidade e otimização das atividades das micro e pequenas empresas: uma pesquisa de campo na Feira da Oito de Maio em Icoaraci – Belém (PA). **Amazônia em foco: Ciência e Tecnologia**, v. 2, n. 3, p. 117-138, jul./dez. 2013.

MARION, J. C. **Análise das Demonstrações Contábeis**: contabilidade empresarial. São Paulo: Atlas, 2010.

MARION, J. C.; SOARES, A. H. **Contabilidade como instrumento para tomada de decisões**: uma introdução. São Paulo: Alínea, 2000.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanço**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, E. et al. **Manual de contabilidade societária**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MORAIS, O. O.; COELHO, A. C. D.; HOLANDA, P. Artefatos de contabilidade gerencial e desempenho operacional em companhias de capital aberto no Brasil. In: XXXXVI ENANPAD, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

NASCIMENTO, S. et al. Mapeamento dos indicadores de desempenho organizacional em pesquisas da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo no período de 2000 a 2008. **Rev. Adm. São Paulo**, v. 46, n. 4, p.373-391.

OLIVEIRA, A.G; MÜLLER, A.N; NAKAMURA, W.T.A utilização das informações geradas pelo sistema de informação contábil como subsídio aos processos administrativos nas 80 pequenas empresas. **Revista da FAE**, Curitiba, v.3, n.3, p.1-12, set./dez. 2000. Disponível em: <www.cde.br/publicacoes/revista.asp>. Acesso em: 28 jan. 2016.

OLIVEIRA, A.G.**Uma contribuição ao estudo da contabilidade como sistema de informação ao processo de gestão das micro e pequenas empresas**: uma pesquisa no estado do Paraná. 2004. 230 f. Tese (Doutorado em Contabilidade) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2004.

OYADOMARI, J. C. T. et al.Uso do sistema de controle gerencial e desempenho: um estudo em empresas brasileiras sob a perspectiva da Resources-Based View. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**, v.69, n.2, p.298-329, 2011.

OYADOMARI, J. C. et al. Fatores que influenciam a adoção de Artefatos de Controle Gerencial nas Empresas Brasileiras. Um Estudo Exploratório sob a ótica da Teoria Institucional. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 55-70, 2008.

PELHAM, A. M., WILSON, D. T. A longitudinal study of the impact of market structure, firm structure, strategy, and market orientation culture on dimensions of small- firm performance. **Journal of The Academy of Marketing Science**, v. 24, n.1, p. 27-43, 1996.

PINHEIRO, M. **Gestão e Desempenho das Empresas de Pequeno Porte**. 1996. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA/USP. São Paulo, 1996.

RIBEIRO, A.; FREIRE,E.J.;BARELA,L. A.A informação contábil como instrumento de apoio às micro e pequenas empresas: percepção dos gestores de micro e pequenas empresas de Paraniata -MT, quanto à utilização de informações da contabilidade no processo de tomada de decisão, no ano de 2012. **REFAF**, Alta Floresta -MT, v. 3, n.1, p. 32-61, 2013.

RICHARD, P. J. et al. Measuring Organizational Performance: Towards Methodological Best Practice, *Journal of Management*, v. 35, n.º. 3, p. 718-804, June 2009. Disponível em:< <http://jom.sagepub.com/content/35/3/718>>. Acesso em: 13 de fev. 2016.

RUENGDET, K.; WONGSURAWAT, W. Characteristics of successful small and micro community enterprises in rural Thailand. *Journal of Agricultural Education and Extension*, v. 16, n. 4, p. 385-397, 2010.

SANTOS et al. Instrumentos da Contabilidade Gerencial utilizados em micro e pequenas empresas comerciais e disponibilizados por empresas de serviços contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil - CRCSC*, Florianópolis, v. 8, n. 24, p. 41-58. ago./nov. 2009.

SANTOS, V.; DOROW, D. R.; BEUREN, I. M. Práticas gerenciais de micro e pequenas empresas. *Revista Ambiente Contábil*, v. 8, n. 1, p. 153-186, jan./jun. 2016.

SANVICENTE, A. Z.; SANTOS, C. da C. **Orçamento na administração de empresas: planejamento e controle**. São Paulo: Atlas, 1995.

SEBRAE. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa**. (2014) Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

SOUTES, D.O.; GUERREIRO, R. Estágios evolutivos da contabilidade gerencial em empresas brasileiras. In: ENCONTRO DA ANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

SOUTES, D.O. **Uma investigação do uso de artefatos da contabilidade gerencial por empresas brasileiras**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) -Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TAKESHY, T.; FARIA, M. de S.A. **Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TEIXEIRA, G. B. **Contabilidade sem contabilidade: a relação entre as competências do profissional contábil e a utilização dos artefatos de contabilidade gerencial em empresas prestadoras de serviços contábeis**. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

UMBELINO, W. S. **Avaliação qualitativa do desequilíbrio da oferta e demanda de serviços contábeis nas micro, pequenas e médias empresas da grande Recife**. 2008. 78 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade de Brasília, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Recife, 2008.

VALERIANO, C. E. B. **Ciclo de vida organizacional e artefatos de contabilidade gerencial: uma investigação nas 250 pequenas e médias empresas que mais cresceram no Brasil entre 2008 e 2010**. 2012. 124 F. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WERNKE, R.; LEMBECK, M. Análise de rentabilidade dos segmentos de mercado de empresa distribuidora de mercadorias. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 15, n. 35, p. 68-83, 2004.